



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXVIII • SÃO PAULO, ABRIL DE 2013 • EDIÇÃO 02



INTEGRAPOLI 2013

PÁGINA 7

PIMESP PÁG 3

FEBRACE PÁG 6

VIDA NO CIRCULAR PÁG 9

ENTREVISTA: DUPLO DIPLOMA
PÁG 4

POLI CIDADÃ PÁG 6

CINEMA, LIVRO E MÚSICA PÁG 10

EDITORIAL

Temos orgulho de dizer que a programação está sendo cumprida e esperamos continuar assim. Trabalhamos pra que durante todo esse ano nosso Jornal saia com boa frequência, para que todos possam se manter informados e entretidos.

Nessa segunda edição do ano, voltamos ao nosso foco usual: todos vocês, politécnicos. Na primeira edição, focamos nos bixos mas agora procuramos atingir todos os estudantes da melhor escola de engenharia da América Latina. Esperamos ter conseguido.

Todos os assuntos relevantes do último mês foram falados. Nosso glorioso INTEGRA tem seu devido espaço com uma cobertu-

ra completa da semana mais movimentada do ano na Poli. Trazemos notícias como febrace e poli cidadã, sem nos esquecermos dos nossos companheiros da Poli-Santos. O politreco dessa vez vem curto mas com conteúdo concentrado e muito crítico. Ria, divirta-se com ele e não procure pelo em ovo.

Nossa equipe editorial vem se fortalecendo desde o ano passado e atualmente ela está bem sólida. Entretanto, sempre torcemos para que novas pessoas se interessem em participar. Apareça em nossas reuniões, que acontecem todas as quintas feiras às 11h no Grêmio, e/ou mande textos e comentários para nosso grupo de emails opolitecnico2013@googlegroups.com.



O POLITÉCNICO

São Paulo, Abril de 2013. Ano LXVIII - Edição 2

Editor Chefe: Jean Michell

Equipe Editorial: Marjorie Samaha, Ana Luchesi, Felipe Marins, Mariana Justo, Diego Andriolo, Fernando Aguiar, Renato Grandó, Elias Korkis, Gabriela Gumiero

Tiragem
1.500

Contato: opolitecnico2013@googlegroups.com

Diagramação e impressão
Volpe Artes Gráficas
(11) 3654-2306

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

SUDOKU

3				4			5	7
4			8	5	3		6	
	2	5	7					
						4	3	
8			4		6			1
	3	4						
					5	6	9	
	9		6	2	4			3
1	6			8				2



PIMESP

No dia 14 de março, o Grêmio da Escola Politécnica da USP realizou a primeira assembleia do ano cujo tema era a discussão do Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista (Pimesp). Realizada durante o horário de almoço, não contou com adesão de muitos estudantes, pois, devido ao caráter de urgência, não houve tempo para ampla divulgação do assunto.

A assembleia tinha objetivo de levantar a opinião dos politécnicos a respeito do programa como um todo, além de por em pauta as cotas e outros métodos para que o programa seja eficaz. Com base nesta discussão, foi elaborado um plebiscito, o qual ocorreu nos dias 19 e 20 de março.

Dentre os presentes estava o presidente da Congregação Politécnica, Professor Paul Jean, que liderou as discussões juntamente com o presidente do Grêmio Politécnico, Rafael Auad.

Inicialmente, o professor esclareceu os principais pontos do Pimesp, afirmou que é importante notar a diferença entre PASUSP, INCLUSP e PIMESP; os dois primeiros são sistemas de bônus que privilegiam alunos de escola pública, enquanto o PIMESP são metas impostas pelo programa, o qual foi criado pelo palácio do governo. O objetivo é atingir 50% dos ingressantes na faculdade pro-

venientes de escola pública, sendo 35% deles pretos, pardos ou indígenas.

Para atingir o número proposto é necessário algum tipo de mecanismo, o projeto prevê o Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES), onde os estudantes desenvolveriam atividades gerais como matemática, inglês, ética, empreendedorismo. Os alunos com aproveitamento superior a 70% terão acesso, no primeiro ano, as FAPESP e, no segundo ano, as Universidades Estaduais (USP, UNESP e UNICAMP).

As decisões sobre o programa tomadas pelas 42 unidades de ensino da USP deverão ser entregues ao conselho de graduação até abril. Esse, por sua vez, levará ao conselho universitário. Por ter um prazo tão curto, essa assembleia adquiriu o caráter emergencial.

Após esse esclarecimento, o professor Paul Jean ficou disponível para tirar dúvidas sobre o programa, respondendo questões dos alunos presentes.

Pergunta: O que aconteceria se a maioria dos alunos do PIMESP quisessem ir pra medicina? A concorrência do vestibular já bem grande.

PJ: As vagas que seriam abertas para o PIMESP terão sua própria concorrência, dos próprios colegas do programa. Isso ainda está sendo pensando, não há nada sobre isso escrito no programa

Pergunta: Cada unidade não poderia determinar como quer atingir a meta?

PJ: É uma hipótese, isso já foi discutido. O conselho de graduação ainda vai olhar os documentos e levar para o conselho universitário.

Pergunta: O programa não está bem formulado e o prazo é curto. Por quê?

PJ: Para alteração ser feita até o ano que vem, os prazos são curtos. Note que as metas são escalonadas. São 35% em 2014, 42% em 2015, para em 2016 atingir os 50%. É possível que não se altere nada, ou mude o PASUSP ou INCLUSP, a ideia é continuar pensando durante o programa.

Pergunta: E se a meta não for atingida?

PJ: Alguns atingem outros não. A única forma de sanção possível seria corte de orçamento, mas não há nada previsto.

Pergunta: Esse 50% é certo?

PJ: Ninguém vai tentar alcançar menos do que o Governo Federal impôs. Ontem (dia 13 de março de 2013) tive uma audiência pública para discutir esse e outros projetos de inclusão.

Pergunta: Até que ponto a POLI pode dizer não?

PJ: A POLI aparentemente vai dizer não. A universidade tem uma autonomia e ela tem que ser respeitada.

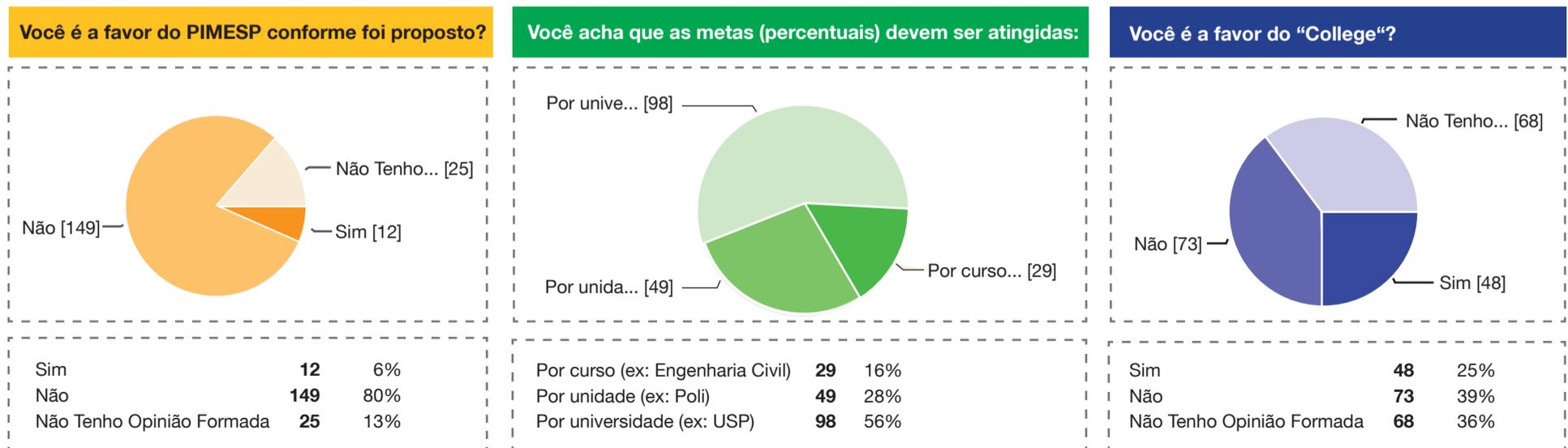
Pergunta: O nível da cobrança dos estudos seria mantido? Mesmo que os alunos ingressantes pelo programa não estejam preparados?

PJ: O objetivo seria achar uma solução sem abrir mão disso.

Após a sessão de perguntas, Paul Jean teve que se retirar. Os alunos continuaram no auditório se posicionando a favor ou contra o Pimesp. Eles também começaram a esboçar as perguntas que deveriam ser contidas no plebiscito. Dentre elas perguntava-se sobre o grau de conhecimento sobre o projeto, a razoabilidade das metas, a diferenciação entre o público PPI e se o aluno é a favor ou contra.

O Grêmio Politécnico obteve resposta de 189 alunos no plebiscito. Apesar desse número não representar efetivamente a opinião politécnica, esse resultado foi levado à congregação do dia 21 de março de 2013. Agora precisa-se começar um processo novo de discussão sobre novas sugestões e alternativas para processos eficazes de inclusão social no Ensino Superior.

Karina Piva



Para mais estatísticas acesse <http://www.facebook.com/gremio.poli>



De Poli para Poly

Como muitos estudantes politécnicos desejam fazer intercâmbio com outras faculdades e a maioria tem muitas dúvidas sobre o assunto, resolvemos começar uma série de entrevistas com politécnicos que estão fazendo ou fizeram intercâmbio para que eles contem um pouco sobre suas experiências de vida

Sabe aquele cara com média 9,5 que ninguém nunca viu, mas todos conhecem a fama de suas notas? Aquele que não enxerga mais a Poli como um desafio e quer algo a mais, o duplo diploma mais difícil de conseguir, com o processo seletivo mais tenso e para uma das mais prestigiadas escolas de engenharia da França (e do mundo)? Pois então, este não é o caso do Pedro Luiz Coelho Rodrigues. Após doar 2 horas de seu precioso tempo numa entrevista pelo Skype, veja o que esse politécnico tem a dizer sobre o processo seletivo, ensino na França e na Poli, DD e muito mais. E se você, leitor, quiser saber mais sobre ele, visite o blog Barraca de Viagem (<http://barracadeviagem.blogspot.com.br>) que é bem legal e tem infinitas informações sobre sua vida na França.



Em que ano você entrou na poli e em qual curso?

Eu entrei em 2008, em Engenharia Elétrica. Depois escolhi Telecomunicações como ênfase na Elétrica.

E quando você começou a pensar em fazer intercâmbio pela poli?

Desde o início da Poli. Confesso que eu não sabia pra onde, mas desde o começo os professores comentam de alunos que partiram em DD, palestras são feitas sobre os intercâmbios e os alunos comentam entre si sobre esses tipos de oportunidade. Talvez a von-

tade de sair do país tenha sido porque tenho tios que moram no exterior e eu e meus pais moramos fora durante certo tempo, então nunca pareceu algo tão distante assim.

E como foi sua preparação nesse período até o intercâmbio? Muito esforço para manter notas altas? Estudou no CFI ou Poliglota?

Desde o início eu tentei manter boas notas sim. Estudava bastante mas não tinha as notas mais altas da turma não. Minha média no fim do primeiro ano era 7.6. Comecei a fazer poliglota no segundo semestre do 1o ano, mas confesso que levei nas coxas, coisa que me arrependi um pouco quando cheguei aqui, pois poderia ter aprendido mais da língua.

Puxa, obrigado por ter falado sua nota. Estava pensando como te perguntar isso, porque normalmente as pessoas não gostam de responder essa pergunta.

Ah (risos) de nada. Lembro que quando eu estava querendo me preparar pro intercâmbio, saber as notas de quem conseguiu partir era sempre bom, pra tentar me espelhar um pouco.

E como foi o processo seletivo pra École Polytechnique?

O processo da X (aqui na França, a École Polytechnique é conhecida como X, então vou me referir à ela assim, ok?) começa como para as outras escolas do grupo Paristech. Você faz uma prova escrita, que é de múltipla escolha, com assuntos que se vê no biênio. Em seguida você espera em torno de 2 semanas até receber uma resposta, para saber se você passou pra segunda parte, com as provas orais. A segunda parte é composta de três provas orais, com os



professores da X vindo ao Brasil para aplicá-las. Eles te dão uma folha com perguntas e 15 minutos para se preparar. Em seguida você vai pra salinha onde eles estão, e passa 30 minutos na lousa, tentando resolver os exercícios propostos. Não vou mentir: é difícil, bem difícil. : Eu saí tendo certeza que não tinha conseguido, sério mesmo.

De fato, resolver exercícios na lousa em tão pouco tempo para uma banca de professores parece bem tenso.

Pois é, é bem tenso. Mas é algo bem comum pros franceses, viu? Por aqui, nas aulas de exercícios, é extremamente comum o professor mandar o aluno pra lou-

sa, mesmo que o cara não saiba resolver o exercício. Eu fico suando frio, torcendo para não ser enviado (risos). Mas é algo que faz parte da cultura de ensino dos franceses, e vendo melhor, é muito bom pro aluno. Obriga-o a saber se expressar e fazer uma solução limpa e clara.

Você achava que não seria aprovado, mas foi. Após sua viagem à França, como foi sua adaptação aí?

Cheguei no fim de Janeiro, no meio do Inverno francês (que não é lá tão forte, mas o suficiente para assustar um brasileiro). Mas vim com mais 11 brasileiros, e a gente se enturmou bem rápido. São pessoas que hoje eu vejo



como minha família. De Fevereiro até Abril fiz cursos de francês, o dia inteiro, todo dia. Ah sim, um fato pertinente: eu vim pra cá falando um pouco de francês, mas vários dos meus colegas não sabiam falar nem “Bonjour”. A X não tem problemas em pegar alunos que não saibam francês. Outras escolas francesas não costumam fazer isso. Mas só pra deixar claro: logicamente, se você já fala um pouco de francês, isso vai ser um ótimo diferencial.

A École Polytechnique é uma escola militar, certo? Como é isso para o aluno intercambista?

A École Polytechnique é uma escola sob a tutela do ministério da defesa da França, e seus alunos franceses são todos militares. Existem vários militares no campus, e os alunos, franceses e estrangeiros, realizam algumas atividades com eles, como aprender a marchar, participar de algumas cerimônias militares e fazer esporte (o que não é tão ruim assim). Pode parecer meio assustador, mas não é! O aspecto militar daqui da escola é bem fraquinho, e eu arriscaria dizer que é até de fachada. Isso não deveria ser uma preocupação para um aluno que tenha interesse em estudar por aqui.

E como foi sua recepção lá na X?

Foi excelente. Os caras foram me buscar no aeroporto, me levaram até o campus, mostraram meu quarto e me deram mapa, acesso à internet, etc. Uma coisa que pode parecer boba, mas que é algo que foi só na X onde eu vi isso, foi ter chegado e ter podido ligar para os meus pais, no escritório da responsável por intercâmbios, dizendo que estava tudo bem. Em seguida tive uma semana de burocracias, em que a Madame Fuseau (que é algo como nossa mãe no início de intercâmbio) nos explica absolutamente tudo (num inglês impecável) e nos ajuda a abrir uma conta no banco, fazer o seguro de saúde, etc.

E após o curso de francês, o que você estudou na X?

Bom, melhor eu explicar como é a escolaridade na X, pra deixar mais claro. Os alunos aqui da École Polytechni-

que fazem 4 anos de curso. Eu faço da promoção X2010, onde os alunos começaram a estudar na X em Setembro de 2010. Durante este primeiro ano de curso, os alunos fazem um estágio militar ou civil, que dura 8 meses, indo de Setembro até Abril. Como você deve ter percebido, em Setembro de 2010 eu ainda nem sonhava em ser admitido na X. Os alunos estrangeiros fazem o curso de forma a entrarem em Janeiro, para fazerem um curso de francês até Abril e começarem os estudos com os colegas que estão chegando do estágio. De Abril até Julho temos o que chamamos de Tronco Comum, onde todos os quinhentos alunos da promoção fazem os mesmos cursos: Mecânica Quântica, Economia, Matemática Pura, Matemática Aplicada e Informática. A intenção de Tronco Comum é servir como uma espécie de abertura ao mundo científico e tentar nivelar o conhecimento dos alunos. Até agora, tudo bem?

Sim, estou te acompanhando, pode continuar à vontade.

Bom, o segundo ano começa então no fim de Agosto, depois de 5 semanas de férias. Para o segundo ano você tem direito de escolher quais matérias quer fazer, porém você é obrigado a escolher matérias de forma a completar 5 departamentos diferentes. Isto é, você pode escolher as matérias que faz, porém tem que manter uma pluridisciplinaridade, que é o objetivo principal do segundo ano. Eu por exemplo fiz Biologia, Economia, Probabilidade, Informática, Estatística, Análise Numérica, Lab. de Genética e Física. Esse segundo ano vai então de Agosto até Julho e é de longe a parte mais difícil e importante da escolaridade. E agora em Setembro começarei meu terceiro ano.

O que você vai estudar nesse terceiro ano?

É o mais aplicado. Tive umas 20 opções de ênfase, onde escolhi Engenharia Elétrica. Mas tenho amigos que vão fazer Mat. Pura, Mat. Aplicada a Finanças, Física de Partículas, Biologia, Economia, etc. Pode-se fazer bastante coisa diferente por aqui.

Quais as principais diferenças da X em relação à Poli, além dessa pluridisciplinaridade? Você acha que a Poli está no nível de universidades top do mundo?

Uma coisa que eu sinto aqui na X é que os professores conseguem puxar os alunos para que eles aprendam bastante. Digo, os professores sabem do potencial dos alunos e sabem que os alunos levarão os cursos a sério, por isso eles vêm, gostam de dar aulas e dão bastante coisa. O ritmo por vezes acaba sendo meio alucinante, mas eu sinto que por aqui os caras realmente dão o que tem que ser dado e até um pouco mais. Na Poli era muito comum os alunos não levarem a sério a matéria, não estudarem, reclamarem quando o professor tentava dar algo um pouco mais complicado, etc. Algo que eu acho muito legal por aqui é o respeito que se tem ao professor. Não é perfeito, claro, mas eu acredito que o papel dele na sala de aula é bem mais valorizado... não só pela instituição, mas pelos alunos também. Mas como nem tudo são flores, há também muitos defeitos. A X é uma escola conhecida por ser bastante (eu diria extremamente) teórica. Aprende-se coisas num nível de abstração que muitas vezes não é necessário. Eu sinto que isso acaba fazendo com que muitos alunos daqui não consigam ser “práticos”. Não consigam ver e entender como usar as ferramentas que se aprende na escola. E nesse sentido, a Poli realmente dá show. Embora na Poli a gente não veja tanta teoria (bom, pelo menos comparando às escolas francesas, e em particular a X).

Então você acha que a X forma mais cientistas e teóricos que engenheiros voltados ao mercado de trabalho?

Pois então, não. Digo, a formação que se tem é bem teórica e científica, mas no fim das contas a maioria dos alunos parte pra consultoria, finanças, economia, etc. Acho que apenas um terço acaba seguindo para a área de pesquisa. Essa parte mais “prática” os alunos acabam aprendendo no quarto ano de estudos, que é feito em outras escolas. Muitos vão pra Télécom Paristech, Mines Paristech, Supélec, etc. É

meio difícil de explicar, e creio que soei um pouco confuso, mas é algo assim: os caras aprendem bastante teoria, mas no fim querem ir pro “mundo real”. Pra isso eles apanham bastante mas conseguem se virar bem, pois afinal aprenderam a coisa mais importante de qualquer faculdade, que é aprender a aprender.

Não ficou confuso não. E você fez um estágio também certo? Onde você estagiou e o que você fazia lá?

Fiz um estágio de 9 semanas em Paris, numa empresa de Audiovisual, na área de Televisão Digital. Todos os alunos têm que fazer um estágio de no mínimo 4 semanas durante as férias de verão do segundo ano. Eu meio que observava o trabalho dos caras, para aprender o funcionamento da empresa, e ajudava com alguns projetos pequenos.

Agora você vai fazer seu último ano na X e depois voltar pra Poli por mais quanto tempo?

Isso, eu faço meu terceiro ano na X até Abril do ano que vem. Então faço um estágio de Abril até Agosto e volto pra Poli fazer mais um semestre, o último semestre do curso de Telecom.

Certo. Para terminar e te livrar dessa entrevista (risos) você gostaria de dizer mais alguma coisa pro politécnicos que querem um DD na França? Alguma dica ou comentário.

Olha cara, eu diria que o mais importante é conhecer a si mesmo e saber o que se deseja de um intercâmbio. Depois disso, partir para pesquisar e conhecer melhor as escolas. Eu lembro que no meu segundo ano eu fiquei muito tentado em ir pra Centrales. Não prestei e preferi esperar um ano, pois o que eu queria era X. Não me arrependo nem um pouco. E uma dica? Fazer francês desde o começo e levar a sério. Uma vez que se consegue o DD e chega-se na França, falar francês e conseguir se comunicar é algo extremamente importante, a maior parte das pessoas não imagina o quanto.

*Diego Andriolo
Engenharia de Minas 3º ano*



Poli Caiçara



O curso de Engenharia de Petróleo recebe neste ano a segunda turma em Santos e a semana de recepção dos novos politécnicos foi dividida entre o campus da capital e o da baixada. Em São Paulo tivemos as tradi-

cionais aula inaugural, palestras com a atlética e o grêmio, bandeirão entre outras coisas. Em Santos os alunos realizaram atividades no mais novo campus da USP, entre as quais: apresentação inicial do curso seguida da recepção

Ingressantes do curso de engenharia de petróleo são recebidos em santos

pelo corpo docente, a coordenadora do curso, Prof. Dr. Patrícia Matai, o diretor do departamento de Minas e Petróleo, Prof. Dr. Laurindo de Salles Leal Filho, e o diretor da Poli, Prof. Dr. José Roberto Cardoso, após isso um almoço foi servido em um buffet próximo a faculdade. Na parte da tarde os bixos realizaram o pedágio nas principais avenidas da cidade, Ana Costa, Conselheiro Nébias e Washington Luis.

Na manhã seguinte o engenheiro da Petrobras Matheus Pedrosa ministrou uma palestra sobre a empresa e as funções do engenheiro de petróleo, seguida pelo primeiro dia de "bandeirão de Santos". Ainda nesse dia, houve uma gincana elaborada pelos alunos do segundo ano, visando melhor integração

dos ingressantes.

O último dia começou com a apresentação das matérias e dos professores, e após o almoço os alunos participaram de uma palestra na CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo) na qual um Engenheiro de Portos mostrou o funcionamento do porto. Para fechar, realizaram um passeio de escuna patrocinado pela Prefeitura de Santos pela área portuária da cidade e depois disto retornaram para suas casas. É grande a felicidade dos bixos por terem entrado na Poli (quero ver depois da P1), e a partir de agora é estudar e de vez em quando aproveitar a praia.

Luis Groenitz
Engenharia Petróleo - 2º ano

Poli Cidadã

O programa Poli Cidadã foi criado em 2004 e tem como objetivo a criação de projetos de Engenharia que atendam necessidades sociais, aproximando a Escola da sociedade. A coordenação é do professor, físico e engenheiro mecânico Antonio Luis de Campos Mariani, que vocês alunos da GA Mecânica ou Computação já conheceram ou vão conhecer em "MecFlu".

INCLUSÃO DIGITAL

Desenvolvido em parceria com o CCE e o PET Mecatrônica, o projeto "tem como meta principal ampliar a integração na sociedade de pessoas

com baixa capacitação para utilização de equipamentos de informática em seu cotidiano, além de provocar um positivo crescimento da autoestima e da posição como cidadãos.", como informa o site do programa. Além de ampliar a visão dos politécnicos – que tem uma formação técnica muito pesada – para a realidade social ao redor.

Ano passado, em sua primeira edição, o currículo e as aulas foram desenvolvidas voluntariamente pelos alunos da Poli. Foram 15 politécnicos participantes, divididos em três turmas de 12 alunos em média. O currículo compreendeu o funcionamento básico dos componentes e periféricos (mouse, teclado), o sistema operacional, internet etc.

A edição deste ano foi anunciada pelo e-mail USP e na data de lançamen-

to desse jornal estará na fase de seleção dos candidatos.

OFICINA DE CARRINHO DE ROLIMÃ

Desde 2011, o Poli Cidadã realiza em parceria com o CAM (Centro de Engenharia Mecânica e Mecatrônica) a oficina com participação de meninos e meninas da comunidade São Remo, vizinha da Cidade Universitária. Na primeira edição, os participantes também integraram o famoso Grand-Prix NSK-Poli.

Com ajuda dos politécnicos, os participantes são instruídos a fazer um pequeno projeto de engenharia e dispõem de todas as ferramentas para executá-lo e decorá-lo. Ano passado o projeto aconteceu em um final de semana no CEE (Centro de Engenharia Elétrica), em período integral.

O principal objetivo é levar o conheci-

mento técnico aonde a informação não chega e assim despertar talentos que poderiam ser desperdiçados. Dessa forma, ao final da oficina, os jovens receberam um folheto com o convite "Vamos pensar no futuro?" indicando cursos do Senai para aqueles que se entusiasmaram.

Além disso, os professores Antonio Luis Mariani e Douglas Lauria coordenam a disciplina optativa oferecida semestralmente "Tecnologia e Desenvolvimento Social", que incentiva diretamente seus alunos a produzirem um projeto de engenharia com relevância social. Vários outros projetos concluídos ou em andamento podem ser conferidos no site do programa:

<http://www.policidadada.poli.usp.br/>
Renato Grando

FEBRACE

Entre os dias 12 a 14 de março ocorreu o Febrace (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia) que premia projetos de estudantes que ainda não ingressaram no meio acadêmico. Além dos prêmios como medalhas, troféus e bolsas de estudo, os grupos também são selecionados para concorrerem a importantes feiras internacionais como IntelSef (International Science and Engineering

Fair), e Milset - Movement International pour le Loisir Scientifique Et Technique.

Os projetos foram expostos em vários "stands" e divididos por áreas de conhecimento. Por abranger todas as áreas, há uma grande diversidade de projetos: desde a "bengala eletrônica", até o estudo comparativo da obra "A Cartomante" de Machado de Assis à violência da mulher.

É possível conhecer também muitas ideias criativas, como a do grupo de Fellipe Sarmiento Dias, Thiago Gabriel Souza Oliveira e Leone Dourado Santos, de Brasília (DF) que criou o

"canhão escolar", um arremessador de bolas de voleibol que imita o saque. O mais interessante é que ele é produzido totalmente de materiais sucateados o que além de preservar o meio ambiente, gera uma enorme economia (o gasto do grupo foi R\$120,00, enquanto no mercado o similar é avaliado em torno de R\$24.000,00).

Outro projeto que também merece destaque é o de Arismário Araújo Lima Junior de Valente (BA) que criou uma guitarra com as mesmas funções do Guitar Hero, mas feito de papelão e circuito elétrico de

controle de video game; o uso desses materiais faz com que o gasto total seja de apenas R\$20,00, o que permite a acessibilidade para pessoas mais carentes.

Estes dois projetos são apenas uma pequena amostra de tantos outros projetos inovadores. As premiações ocorreram nos dias 15 e 16 de março e a relação dos vencedores está na página: <http://febrace.org.br/finalistas-e-premiados/>.

Gabriela Gumiero
1º ano



O Integra

“Tudo começa com o Chamado...e o Kart. Se no início de tudo era o Kart como prova surpresa, seu público estava fazendo o Chamado Politécnico no vão do Biênio.” - Exatas

Uma semana antes do Carnaval, o IntegraPoli já dava indícios de que seria uma grande atividade na Escola Politécnica, com a inclusão de uma lista carnavalesca que daria para a competição um gostinho do que seria a lista, iniciamos os trabalhos IntegraPolísticos antes mesmo das aulas.

Durante todo este tempo, grupos de Facebook e posts a respeito do IntegraPoli já começavam a aparecer aos montes! Enquanto os C.A's (Centros Acadêmicos) recrutavam seus bixos e uniam seus veteranos debaixo da mesma bandeira, os novos membros desta Escola eram bombardeados com informações a respeito da majestosa competição que estava por vir.

Ao fim da semana de recepção, em pleno sábado, soltamos a lista!

“O estouro da manada!”

Os alunos desta Escola estavam reunidos na sala de reunião do Grêmio aguardando o início do esperado e aclamado XXXII IntegraPoli, enquanto isso, do lado de fora carros e mais carros esperavam alguma ligação que indicasse o local de alguma possível aglomeração. Nunca se sabe se será necessário trazer para a C.O uma maça verde comprada em Osasco na feira da Dona Josefa.

Lista entregue, passando de Centro Acadêmico em Casa de Amigo conseguimos ter uma boa ideia de que o IntegraPoli chegara em um nível superior de Integração, eram pelo menos cinquenta alunos de cada área reunidos em todos os sete C.A's! E a semana do Integra ainda estava por vir!

Era uma sexta feira, as aulas dos calouros estavam para acabar quando os veteranos de todos os lugares da Poli vieram em direção ao Biênio, este era o chamado! Exatamente às onze horas do dia 15 de março era dado o início do XXXII IntegraPoli, ao som de Harlem Shake, todos os veteranos, de-

vidamente fantasiados, davam as direções para os calouros de nossa Escola para participar do mais épico episódio de união e fraternidade do ano.

“Do the Harlem Shake”, dito e feito, mais um épico espetáculo de união dentro da Poli. Seguindo, é claro, para a cervejada de abertura, onde os C.A's iriam fazer performances de BarTenders, tivemos espetaculares shows de organização e animação, com “profissionais” da área de engenharia mostrando que aprendem qualquer dança ou coreografia em qualquer espaço de tempo.

TEATRO

Ao cair da noite, com uma arquibancada já montada, foi dado o início das apresentações de teatro! Cenas sensacionais e quase indescritíveis foram apresentadas por nossos alunos. Com exceção da Naval, que não se apresentou, todos os outros Centros Acadêmicos movimentaram e organizaram bixos, gestão e veteranos na busca pelo prêmio do melhor teatro. A palavra que descrevia os rostos nas arquibancadas era sem dúvida entretenimento! Risos eram arrancados sem dó da plateia que ora estava ali para assistir e ora pra atuar, um exemplo da polivalência e criatividade politécnica. Apesar de todos estarem de parabéns, segue abaixo um breve comentário sobre os melhores teatros!

CEE (PRIMEIRO COLOCADO):

Com o objetivo de entreter, este ano o teatro dos alunos da grande área elétrica foi com certeza mestre nesta arte. Com o roteiro bem estruturado e atuações dignas de Oscar de alguns de seus membros, o teatro do Cee foi o campeão no quesito diversão, seu enredo coerente com o tema (Enquanto isso no Vaticano) conseguiu, sem ofender, satirizar amistosamente pessoas de outros C.A's e até da própria C.O. Nunca perdendo o bom humor, contaram uma história divertida passada desde o Vaticano até conflitos internos da Poli.



CAM:

O Centro Acadêmico Mecânica, tradicional vencedor da prova do Teatro, pecou em pequenos aspectos este ano, a soma deles levou o C.A a ficar em segundo lugar. Apesar do teatro contar com a vasta infra-estrutura de sempre e a peça ter o roteiro e efeitos especiais, eventuais erros na preparação, no staff e até no roteiro tornaram uma apresentação que poderia ter sido a melhor desta escola, na segunda colocada (beirando o empate com a terceira). Mesmo assim, o teatro do Cam roubou da plateia boas risadas e trouxe certa dose de surpresa, com um corvo descendo de rapel, uma cena final escolhida pela própria C.O e transformações ao vivo em super saiyajin e em cavaleiro de Atena (sim, a armadura veio voando). Este humilde comentarista diria que o potencial não foi usado em sua totalidade, apesar de continuar sendo um belo teatro.

Os teatros que se seguiram mantiveram um nível excelente este ano, com absoluta certeza, os que perderam devem procurar o vídeo com algum amigo que tenha filmado a apresentação inteira. Futuramente o Grêmio Politécnico também deixará acessível a sua edição das imagens.

CAÇA AO TESOURO

Tradicional e aguardada prova do IntegraPoli, o caça ao tesouro tem um papel fundamental na integração da comunidade politécnica, veteranos já formados comparecem para participar dessa prova, que, além de um tesouro, confere ao ganhador toda a honra de vencer o restante da Escola em um duelo intelectual fora da sala de aula!

Este ano, o caça ao tesouro contou com um “livro texto”, um verdadeiro mapa para se encontrar o tesouro, um manual, escrito pela própria ciência Exata e entregue aos competidores pelos anciões da IntegraPoli. O livro era a chave e o caminho que os campeões desta Escola deveriam percorrer antes de encontrar o tesouro.

“Leia o livro” era só o que pedido, era apenas o que era necessário. Entregue com uma semana de antecedência aos Centros Acadêmicos e disponibilizado apenas em papel para impressão, o livro contem códigos, luz negra, binário, hieróglifos e mais de 15 outras lógicas que eram necessárias para percorrer o caminho dos heróis e obter o tesouro. Esquecer do livro também era uma opção, o caminho dos renegados não se utilizava do livro, e mimicava um caça ao tesouro normal (leia-se de antigamente).

E Chiquinho cantou exatamente à



meia-noite (aproximadamente), trazendo consigo a primeira pista do caminho dos heróis, “Tudo começa com a Sorte” essa era a resposta que te permitia acesso ao caminho, e “...E termina com o Caos” e era assim que este caça ao tesouro iria terminar.

Passando pelas mais variadas pistas, desde um desenho, até a resoluções conflitantes de binário, nossos heróis foram percorrendo os caminhos, ora roubando cavalos marinhos, ora cortando os outros C.A's na busca pelo tesouro. O primeiro C.A que conquistou a reta final foi o CEE, chegando com incríveis 12 horas de vantagem sobre o segundo colocado, o CMR, seguido de longe pelo grupo CAM, AEQ e CAEP (respectivamente). As últimas três pistas do caça ao tesouro eram iguais para todos, e refletiam o entendimento total do livro. Assim, o CEE que tinha chegado pelo caminho dos renegados teve mais trabalho na reta final, demonstrando mais para obter a resposta porém sem perder a liderança. E foi justamente na pista final, onde o Caos tomou conta e provou que trabalho em equipe e mão de obra às vezes pode fazer a diferença. O CAM, que teve um desempenho até então razoável, passou batido pelas últimas pistas, gabaritando-as em questão de horas. Dois bixos (repito, bixos!) por sorte ou talvez por iluminação divina encontraram rapidamente as chaves que respondiam as últimas questões e elevaram o CAM em questão de horas do terceiro para o segundo lugar, retirando a diferença gritante que se apresentava e colocando-os de volta na briga.

Ironia ou não, a pista final deste caça ao tesouro sempre foi o livro, o mesmo livro que se encontrava nas mãos de todos os alunos do C.A com uma semana de antecedência, assim, quando deparados com uma pista que era somente a frase “leia o livro” lembraram que todo o tempo essa foi a dica da C.O, a única resposta positiva que obtiveram até então era também a pista final. Palavras não precisavam mais serem ditas, o livro apontava para o Lago! Apesar do fato de que Chiquinho, vulgo “O galo” da Poli era a peça chave, o livro também dava outras inferências de que o Lago era o gabarito correto para a localização do Tesouro, aliás, ao menos apercebidos, O galo e O lago são a mesma palavra, só que invertida, como se vista por um espelho!

Estavam lá e já tinham estado CMR,

CAM e CEC (este último na tentativa de porventura tropeçar no tesouro), membros de outros C.A's também rondavam o local, mas quem colocou as mãos no tesouro no final das contas foi o CAM, que não chegou a colocar pois o tesouro estava no meio do lago e o CAM ao puxá-lo arreventou a corda que o prendia, tornando impossível buscá-lo naquela ocasião porém dando o direito legítimo ao prêmio.

Parabéns ao CAM, pelo trabalho realizado na reta final e por sua incrível habilidade de unir pessoas, eram cerca de oitenta e cinco. A festa durou até de manhã, quando já esgotados de suas forças, os bravos guerreiros foram repor o sono atrasado e simplesmente sumiram da face da Poli por 20 horas, sem exceção!

ENTREGA DA LISTA

Todos os anos, a partir de 2008, se não me engano, a entrega da lista é feita dentro do Anfiteatro. Este ano começamos com sua execução ainda do lado de fora, executando provas surpresas como estourar uma melancia com elásticos (não tente isso em casa) e lavagem de carros mais divertida. Após estes itens entregues, a multidão Politécnica lotou o Anfiteatro como nunca, como a prova do caça ao tesouro este ano terminou mais cedo, toda a atenção de nossos alunos estava voltada para a entrega da lista.

Os mesmos gritos de provocação e habituais rivalidades, este ano, deram espaço para o silêncio unificador que foi a abertura. Demonstrando muita raça e “despolitividade”, dois alunos do CEE procuraram por horas a caixa do tesouro que tinha se perdido dentro do lago, por um pouco de sorte e muito poder de dedução, eles a encontraram e gravaram um vídeo que abriu nossa querida lista de itens com o item mais valioso da nossa competição, a caixa do tesouro!

Ironias à parte, passado o alvoroço começamos mostrando os vídeos que nossos amigos passaram três semanas produzindo, e se alguém merece destaque nessa lista, daremos a eles o que eles merecem! AEQ, meus parabéns! E parabênzinhos por todos os membros desta Escola que ainda não tiveram o privilégio de assistir à algum de seus vídeos! Muito bem filmados e editados, a AEQ deu aula de competência e organização quando apresentou seus vídeos à C.O, e mesmo aqueles que foram superados por pouco

por outros C.A's foram mostrados como menção honrosa, pois um trabalho de tanta fineza e beleza não deve deixar de ser apreciado por qualquer pessoa. “Sobrou arte nos vídeos da Aeq” esse foi o comentário geral, e caso não entenda do que estamos falando, por favor, entre no Youtube e procure por “Aeq IntegraPoli 2013”, vamos torcer para que eles compartilhem toda essa qualidade de produção visual com o mundo!

Sem retirar o mérito de outros C.A's como o CAEP, CEC, e o CMR que apresentaram vídeos bons também, seguimos para questões pontuais como os itens “sem gabarito”, a exemplo, “provar a existência de deus”. Passando por piadas muito inteligentes, como transformar um homem barbudo e rústico em uma mulher angelical, ou trazer um bolo chamado “Existência de deus”, nossos alunos novamente deram show na criatividade quando a proposta é vaga e ampla.

Destaque na lista, também, para as apresentações ao vivo dos fantasiados, que fizeram um ensaio bem detalhado e se fantasiaram pela semana inteira do IntegraPoli, ajudando inclusive na divulgação do evento. Suas danças e coreografia bem ensaiadas, puderam entreter o público durante as maçantes horas!

Diversão a parte, a entrega da lista já é o momento de socializar e dar risada, onde o que conta mais é a interação e entender como é possível politécnicos superarem os limites de suas áreas e desenvolverem tanto material bom e criativo. Palmas aos Politécnicos que fazem da lista uma realidade.

PROVAS

Rapidamente citando as duas provas que você não poderia ter perdido! Kart e Paintball!

Senhores, este ano a Comissão Organizadora e o Grêmio Politécnico, por meio de muito trabalho e organização promoveram duas provas épicas que realmente pararam a Poli.

A prova do Kart foi uma sensação, realizada em pleno estacionamento central, a prova promoveu uma grande visibilidade ao evento, além de pegar os desavisados que esqueceram que aquela era a semana do Integra!

De dois em dois, os C.A's competiram até que a final sagrou o CEC como o grande campeão do primeiro Gp Kart IntegraPoli.

Outra prova memorável foi o Paintball, realizado em plena sharewood, com a devida proteção e tela para as balas não passarem para a plateia, o paintball foi a disputa homem a homem de qual C.A era melhor estrategista e trabalhava melhor em time. Também uma pena para quem perdeu, pois não é todo dia que temos uma atração dessas ao nosso lado.

Em suma, o IntegraPoli foi e vai continuar sendo o evento máximo de interação dos alunos e ex-alunos desta Escola, não é a toa que temos trinta e dois anos de tradição. Mudanças a parte, a guerra e a disputa dos C.A's acaba, e o que fica é uma comunidade politécnica cada vez mais unida.

Parabéns também ao CAEP, novamente campeão do IntegraPoli, acumulando assim 10 títulos em 20 anos de existência. Isso só prova que união e organização são as armas para vencer um IntegraPoli, e que mesmo C.A's com menos pessoas nos cursos podem aproveitar melhor seu capital humano e vencer uma grande competição.



AO CAEP E SEUS ALUNOS

Me deixa comovido o quanto vocês podem ser grandes!

Pois quando o problema é disperso, vocês o resolvem com união!

E enquanto a tática dos outros é caótica, a de vocês é precisa.

Vários tentaram afundá-los na lama da discórdia, mas vocês sempre davam um banho de estratégia.

Se por vezes não podiam ser os melhores, se mantinham firmes.

E quando a oportunidade aparecia, ela não era desperdiçada!

Parabéns por mais uma vitória, parabéns pela organização e parabéns pelos vinte anos!

E apesar do tamanho da dificuldade, vocês sempre a resolvem com a engenharia...

Felipe Marins (London), Comissão Organizadora 2012 e 2013

Machismo em foco

Giovana Magalhães conta como se tornou uma dissidente da causa feminista e desabafa

FA – Eu converso hoje com ela que, aos 21 anos de idade, se recusa a lavar um prato e afirma que pilota um carro muito melhor que um fogão. Bom dia Giovana Magalhães. Conte pra gente quando que você começou a comprar fast food todo dia?

GM – Então, sabe, eu acho que lavar louça e cozinhar o próprio alimento é uma atitude típica de mulheres que se submetem. Por isso passei a ser cliente habitual de McDonalds e BK. Além disso, a maioria das pessoas que montam os lanches nessas redes são homens, enquanto restaurantes que fazem comidas caseiras têm uma mulher como cozinheira. Não quero financiar esse tipo de restaurante. Pratos também, só os de papelão. Evito que alguma mulher seja obrigada a lavá-los depois.

FA – Mas Giovana, você me parece ser muito radical. Não é bem assim que funciona o movimento feminista, não é mesmo, ou estou errado?

GM – Sim, você está certo...

FA – E por qual motivo você deixou um movimento que tem uma importância tão grande pra sociedade atual pra se dedicar a esse sensacionalismo que, a meu ver não dá em nada? Quero dizer o seguinte: lutar para reverter um quadro histórico de submissão da mulher que é devido a um passado e presente patriarcal não deveria ser o que te movesse?

GM – Talvez. Mas acho que agir desse modo não resolve muita coisa. Eu brigo por coisas mais sérias...

FA – Por exemplo...?

GM – Os ditados populares por exemplo. “Em terra de cego quem tem um olho é rei”. Por que é um rei e não uma rainha? Por que é um ladrão que tem cem anos de perdão e não uma ladra? O corpo humano também demonstra machismo. Por que uma mulher deve se submeter a ter um esqueleto e não uma esqueleta? Não me conformo com esse tipo de imposição machista.

FA – Hmm...ta né. Tem mais algum exemplo?

GM – Claro! É o que não falta. Por que é que não podemos competir nas mesmas modalidades de esporte que os

homens? Somos ruins de mais se comparadas a eles? É isso? Por que temos que usar salto alto em festas sociais enquanto os homens usam seus confortáveis sapatos pretos? Com esse último exemplo, dá pra se fazer um paralelo com os homens que ficam no conforto de suas cadeiras enquanto ordenam que suas esposas tragam sua refeição, fruto de horas de labuta em frente a um forno ou fogão, correndo o risco claro de se queimarem por óleo fervente.

FA – Acho que entendi. A separação do Kinder Ovo para meninos e meninas então, pra você, é totalmente machista. Certo?

GM – Certíssimo. Sou também totalmente a favor das pesquisas que buscam introduzir TPM, cólica e menstruação nos homens. Eles devem sentir na pele o que vivenciamos todos os meses desde a juventude.

FA – Ok Giovana. Você acha que pessoas que lutam do seu modo não mancham o nome do feminismo? Não seria melhor lutar contra homens que insistem em beijar mulheres à força no carnaval ou que as agredem em casa? Popularmente dizendo, você não está procurando pelo em ovo? Não daria mais certo você voltar ao movimento feminista e lutar de uma maneira mais correta, digna e com objetivos mais concretos, buscando eliminar o mal do preconceito na sua origem como tantas outras mulheres fazem?

GM – Acho que não.

FA – Por quê?

GM – Ahhh...não sei. Só sei que todo homem é machista.

FA – Você tem algum projeto para o seu futuro?

GM – Sim. Agora que estou montando uma empresa de empregados domésticos. Só contratarei homens para que eles sintam como é o serviço realizado no lar. Além disso, ainda não decidi se vou instituir a depilação total nos homens ou se vou brigar pela manutenção dos pelos na mulher, mas em breve tomo a decisão.

FA – Muito obrigado, foi um prazer...

GM – Ahhh. A língua portuguesa também é machista. Quero que palavras como “momento” e “sentimen-

to” sejam alteradas para “momenta” e “sentimenta”. Entende o que eu digo? Entende? É por esse tipo de causa que se deve lutar. Me lembro que fiquei muito feliz quando...

FA – Giovana, por favor...

GM – Surgiram os aparelhos de mp3. Foi o fim daquele walkman, que só contribuía para o preconceito.

FA – Hã, como assim?

GM – Sim. Você já viu algum walkman por aí. Não! Não é mesmo? Tudo reflexo de uma indústria global totalmente machista.

FA – Chega. Chega de entrevista por hoje. Obrigado leitor d’O Politécnico. Na próxima edição a gente vai procurar uma ativista verdadeiramente feminista e focada na extinção das diferenças fúteis entre os sexos.

GM – Calma aí. Ainda não falei que quero mudar aquele provérbio ridículo para “mulher no volante, segurança constante”....

*Fernando Aguiar
Engenharia Civil - 2º ano*

CIRCULAR

Para as pessoas alheias à comunidade USP, o circular é um meio de transporte que faz o trajeto entre o metrô e a cidade universitária e é gratuito para alunos, professores e funcionários. Mas para os usuários desse sistema, o circular é mais que isso, muito mais. É um universo paralelo onde coisas bizarras acontecem, leis da física são desrespeitadas e novas modalidades esportivas são praticadas.

Aquela lei que diz que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço está desatualizada e deveria ser revogada ou revista para um caso particular (todo o resto do mundo). Os uspianos sabem muito bem que dentro de um circular cabem mais pessoas que a turma web de numérico. Mas basta fazer a relação entre o volume interno do ônibus e o volume das pessoas (não esqueça de somar as mochilas!) ali presentes e ver que esse número tende a zero.

Quem viaja em pé sabe como é gostoso quando o ônibus passa pelas rotatórias da cidade. Apesar de terem raio grande, o motorista, bom entendedor de física que é, sempre aumenta a velocidade para aumentar os efeitos da aceleração centrípeta ao quadrado. Para aqueles que gostam de adrenali-

na, uma dica* é se segurar nas barras inclinadas de uma porta (você deve estar virado para a rotatória) no momento da curva. As portas abrem um pouco, o suficiente para você viajar fluando em cima do asfalto por alguns segundos, transformando sua agradável viagem num momento de lazer.

Outra coisa intrigante do circular é sua porta traseira. Eu particularmente acredito que esta, quando fechada, possui massa tendendo ao infinito. Somente isso explicaria a passagem das pessoas com tanto afã para o fundo, sendo que elas não irão descer no próximo ponto. Os coitados que pegam o 8022 as 7h no Butantã e descem em algum ponto da raia que o digam.

Circular cheio é um problema mais antigo do que se imagina. Shakespeare, ao ficar preso na catraca do circular da University of Oxford, em 1607, já disse em sua célebre frase: “Há mais pessoas entre a porta dianteira e a traseira, cobrador, do que sonha a nossa vã filosofia”.

**Não me responsabilizo por possíveis conseqüências sofridas pelo idiota que tentar tamanha idiotice.*

*Diego Andriolo
3º Ano - Engenharia de Minas*



1984 George Orwell

No universo da literatura, existe o que chamamos de “um livro” e existe “O Livro”. Um livro é esse qualquer que você leu mês passado, foi dormir e nem pensou mais na estória contada, alguns com enredo boboca, meloso ou simplesmente estúpido, outros talvez não tenham aquele charme inexplicável que procuramos, parecendo às vezes que foram escritos somente para ocupar vazios nas estantes. Agora você já pode imaginar o que “O Livro” é. Sublime, clássico, envolvente e intrigante são algumas das características de um livro desse porte. *1984* de George Orwell é um ótimo exemplo.

Publicado em 1949 quando 1984 ainda era uma data distante, O livro narra a história de Winston Smith, morador de Londres, funcionário do Ministério da Verdade, Winston vive em uma terrível distopia onde o Estado domina cada as-

pecto da vida de uma pessoa, um mundo onde a opressão é absoluta. É empregada a vigilância constante aos membros dessa sociedade para que não se traia os princípios do Partido, para isso, existem teletelas (televisões com câmeras), escutas e membros da Polícia das Ideias em todos os locais. Aqueles que são pegos praticando “crimepensamento” (o inglês foi substituído pela Novafala, uma linguagem simples e escassa de palavras) são “vaporizados”, somem, seus registros são apagados e a partir de então é proibido mencionar o nome da pessoa, pois ela nunca existiu.

O Partido, encabeçado pelo Grande Irmão (sim, foi daí que eles tiraram a ideia do Big Brother...que pena), faz uso de todos os meios para se manter no poder. Além de modificar fatos do presente, o Partido frequentemente muda o passado (é nesta área que Winston trabalha).

Discursos e fatos são alterados para não contradizer o que o Estado diz no presente; estatísticas são fabricadas; vitórias inventadas (a Oceania, nome da região que Winston vive, sempre esteve em guerra com a Eurásia, porém Winston jura lembrar que já estiveram em guerra com a Lestásia).

No meio disso tudo, Winston em seu íntimo se rebela contra esse sistema e decide sozinho lutar contra esse sistema, arriscando sua vida e a de seu par romântico (sim, spoiler) em um jogo de gato e rato para tentar encontrar uma organização revolucionária secreta chamada Confraria, liderada por Emmanuel Goldstein, ex-companheiro do Grande Líder (Trotsky e Stalin!) e de alguma forma contribuir para a destruição do Partido.

“Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.”

Não é coincidência que essa estória lembre a União Soviética ou alguma ditadura fascista: o livro é uma crítica feroz a esse tipo de governo. Orwell se inspirou

nesses governos para criar os mecanismos de sua sociedade: alteração do passado (União Soviética fez muito disso), grandes expurgos (União Soviética e ditadura de Franco na Espanha), figura de um líder supremo, censura e perseguição política (todas as ditaduras que consigo pensar). Pode-se dizer que Orwell fez uma previsão de como seria o mundo se o comunismo ganhasse.

Junto com *A Revolução dos Bichos*, 1984 é sempre citado como um dos melhores romances do século. É um livro honesto e simples, que te deixa impressionado com a quantidade de ideias que o autor pode passar em um único parágrafo, além da habilidade singular de Orwell em caracterizar a política e sociedade dessa distopia. É clichê escrever isto, mas você realmente se sente dentro do livro, e é por essas e outras que 1984 é figura carimbada no panteão dos melhores livros da humanidade.

Elias Korkis
Engenharia Minas - 2º ano

De Coppola a Cage

A Guerra Fria já foi tratada de diversas formas e sob vários aspectos no cinema. Aqui, falarei brevemente sobre alguns dos filmes mais interessantes que discorrem sobre esse tema e espero que ao menos um desperte sua curiosidade.

“The horror, the horror...”

Apocalypse Now é dirigido pelo aclamado Francis Ford Coppola e estrelado por ninguém menos do que Marlon Brando e Martin Sheen. Pra início de papo, tudo começa com uma das melhores cenas de introdução do cinema: Imagens da guerra misturadas com um Willard (Sheen) bebado, tudo a um som que mistura *The Doors* com helicópteros e seu ventilador. A história gira em torno da missão que Capitão Willard recebe de ir para a Guerra do Vietnã e matar o Coronel Kurtz (Brando), acusado de ter enlouquecido e criado sua própria milícia em meio as selvas do Cambodja, abandonando sua família e a honrosa carreira que tinha no exército americano. Excelentes diálogos e reflexões sobre a guerra, o horror e o medo são o destaque do filme, especial-

mente em cenas em que Kurtz aparece, sempre calmo, aterrorizante e coberto de sombras. Aliás, o clima pesado não foi só atuação: As filmagens levaram 16 meses (sendo que inicialmente o previsto era 6 semanas) e, durante elas, Coppola perdeu 50kgs, ameaçou suicídio várias vezes e Martin Sheen teve um ataque cardíaco(!). Nem vou me dar ao trabalho de falar sobre a trilha sonora e fotografia, os dois Oscars que o filme ganhou por essas categorias já ilustram o que eu quero dizer.

“Seven-six-two millimeter. Full metal jacket.”

Outro filme que trata da loucura suscitada pela guerra e também se passa durante a Guerra do Vietnã é o *Nascido para Matar* do diretor mais brilhante de todos os tempos, Stanley Kubrick (não, essa coluna não tem intenção de ser imparcial). Inicialmente, o filme nos mostra o treinamento de um grupo de fuzileiros navais, que inclui o rapaz de humor sarcástico James “Joker” Davis - que narra a história - e o desajeitado Pyle. O grupo passa por um treinamento extremamente frio e cruel, com o objetivo de transformá-los em insensíveis assassinos. A constante humi-

lhação que eles sofrem do sargento Hartman, em uma incrível atuação de de R. Lee Ermey, somada ao ambiente sistemático vai transformando as personagens, especialmente Pyle. Acima do peso e incompetente como soldado, o sargento - e até seus colegas - começam a tratá-lo com violência e desprezo, até que seu estado psicológico chega ao limite e a loucura toma conta, resultando na cena mais marcante do filme, doentia e bem a cara do Kubrick. Após os treinamentos, vemos os soldados já no Vietnã. Joker começa trabalhando como jornalista, mas logo que tem a oportunidade de ir ao campo de batalha, vemos seu humor ou qualquer esperança na humanidade caindo por terra diante do horror da guerra.

“There are over 550 million firearms in worldwide circulation. That’s one firearm for every twelve people on the planet. The only question is: How do we arm the other 11?”

Vou correr o risco e falar do elogiado *Senhor das Armas*, um filme lançado em 2005 e estrelado por Nicolas Cage. Calma, calma! Antes de jogar pedras e queimar O Politécnico, lembre-se de que o tão debochado ator, sobrinho do Coppola (PASMEM, o nome verdadeiro dele é Nicholas Coppola), já trabalhou com diretores respeitadíssimos como David Lynch, foi elo-

giado pela crítica e público em filmes como *Adaptação*, *Cidade dos Anjos*, *A Outra Face* e o divertido *Kick-Ass*, além de ter ganhado um Oscar por uma bela atuação em *Despedida em Las Vegas*. Méritos a parte, digo com segurança que Cage faz um bom trabalho como o protagonista Yuri Orlov, personagem baseado no maior traficante de armas do mundo, Viktor Bout. Diferentemente dos outros filmes comentados, *Senhor das Armas* se passa no fim Guerra Fria, aliás, uma das cenas consiste na notícia do fim da URSS, fato que faz o negócio Yuri decolar, já que um arsenal incrível estaria a sua disposição por preços ínfimos. Além de ter que lidar com um agente do Interpol em sua cola, a culpa de ter um irmão viciado e as suspeitas e receios de que sua família descubra o que faz, Yuri é constantemente perturbado por saber exatamente as consequências de suas vendas. Defendendo que “não coloca uma bala na cabeça de ninguém os forço a atirar, mas atirar é bom para os negócios”, a frieza necessária para realizar esse trabalho vai se confundindo com arrependimento e lentamente vai levando todos os envolvidos a loucura.

Ana Luchesi
Engenharia Elétrica - 2º ano

OK computador, você venceu

Para inaugurar a seção música de nosso jornal venho aqui resenhar aquele muitas vezes considerado o melhor álbum de todos os tempos no circuito alternativo: "OK Computer" (1997) do quinteto inglês Radiohead.

O CONTEXTO

Os anos 90 foram um *boom* tecnológico no sentido de adaptar o mundo à rápida troca de informações, ampliando a conexão espacial. Com a expansão das redes de comunicação, se formou um mundo globalizado e seu perfil ideal humano: o homem informado, em simbiose com a máquina – potencializando suas capacidades através dela – o homem desumano.

Encontrando o cenário perfeito, OK Computer é em seu âmago a expressão de sentimentos de pequenez do ser humano frente a uma nova ordem social ditada pela tecnologia. O próprio nome do álbum é a suma da resignação.

A mesma opressão acontece na obra 1984, porém com enfoque político: George Orwell cria uma narrativa onde o ser humano é enclausurado e restrito ao pensar; é uma reprodução criada pelo avanço de um sistema que classifica, padroniza e retrai; onde o avanço é, na verdade, o próprio retrocesso.

A OBRA

É o divisor de águas na história dos músicos por apresentar efeitos eletrônicos, transformando um *rock* com toques *grunge* – ainda assim muito bom, ouçam o "The Bends"! – visto nas famosas canções "Creep" e "Fake Plastic Trees" para um som experimental, que a cada álbum surpreende o público ao trazer algo diferente.

O uso de três guitarras é inteligente. Enquanto o vocalista Thom Yorke faz a base com guitarra, violão e piano, a dupla Johnny Greenwood e Ed O'Brien cria ambientações fazendo dedilhados – muitas vezes à la R.E.M. – com muito eco e solos distorcidos. A voz de Yorke tem um timbre singular e, tecnicamente, ao cantar o vocalista estende e vibra os fonemas conferindo um tom lamentoso, como se chorasse a nossa condi-

ção – com exceção de "Fitter Happier", por motivo que veremos.

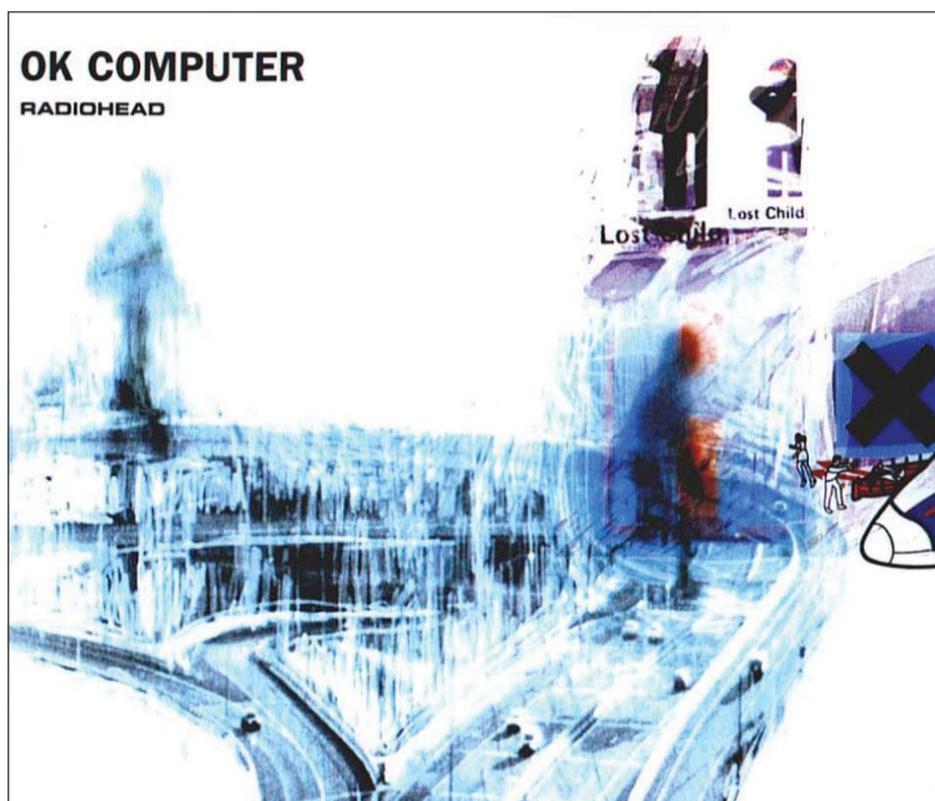
Dentro do tema principal – a nova ordem social tecnológica – encontramos nas letras situações que explicitam o mal consequente: a marginalização do diferente (Karma Police, Paranoid Android, No Surprises), minimização do homem (Airbag, Let Down), a transformação do homem (The Tourist, Fitter Happier). Há outras faixas no álbum, porém acredito que as citadas possuem maior riqueza de sentido e musical.

"Airbag" é uma surpresa. Você que está lendo essa resenha deve imaginar que o álbum é a pura demonização da tecnologia e por isso implica em mostrar todos os pontos negativos dela. Bem, em "Airbag" Thom Yorke canta a salvação de uma vida pelo uso de um air-bag.

"In a fast German car/I'm amazed that I survived,/An airbag saved my life."

O foco aqui é mostrar a ingênua animação do homem com o aumento de suas capacidades. Talvez por isso seja a faixa introdutória de OK Computer. A decepção vem em "Let Down", em minha opinião a melhor canção do álbum, que se inicia com Yorke resmungando "Transport, motorways and tramlines/Starting and then stopping/Taking off and landing/The emptiest of feelings...". Em "Let Down" o narrador se sente decepcionado com o mundo insensível em que vive, onde falta o "orgânico", e a grandiosidade das máquinas frias ao seu redor o esmagam "like a bug in the ground". Na metade de sua duração, a canção tem uma seção instrumental magnífica, de dar arrepios na espinha.

O fade-out eletrônico de "Let Down" dá lugar ao piano de "Karma Police". O "carma" aqui é a moral inerente à sociedade e imposta como padrão de ser humano ideal. A "polícia do carma" é a instituição que faz valer essa moral perseguindo o diferente: "Karma Police, arrest this man, he talks in maths/He buzzes like a fridge, he's like a detuned radio". O refrão grudento é o recado dado pela "polícia" aos "infratores": "This is what you get when you mess with us".



Somos então surpreendidos por uma voz robótica, que por pouco menos de 2 minutos faz comentários acerca de sua situação física e psicológica com sons espaciais ao fundo. Tais comentários tratam de forma objetiva a tendência de padronização do homem como já vimos na canção anterior: "Calm, fitter, healthier and more productive/A pig in a cage on antibiotics." Além de um explícito desprezo dessa nova sociedade pelas atitudes emotivas, impulsivas: "No longer afraid of the dark or midday shadows/Nothing so ridiculously teenage and desperate/Nothing so childish - at a better pace" – o novo homem precisa ser racional para ser bem sucedido. Em oposição a esse narrador conformado, robotizado, sentimos inadequação e humanidade em "No Surprises". "You look so tired and unhappy/Bring down the government/They don't, they don't speak for us/I'll take a quiet life/A handshake of carbon monoxide". O narrador aqui cansado da realidade ao redor, prefere se isolar e viver uma vida sem surpresas, mais morrendo do que vivendo, como uma morte silenciosa por monóxido de carbono – assistam ao videoclipe, é uma versão audiovisual interessante.

"Paranoid Android" é a mais herméti-

ca das canções aqui citadas. Possui uma construção notável, sendo composta de 2 partes principais. Na primeira, trechos evidenciam, de novo, críticas à sociedade moderna. "Please could you stop the noise/I'm trying to get some rest/From all the unborn chicken voices in my head" traz a sensação de movimento, de confusão, barulho. Enquanto em "What's that...? (I may be paranoid, but no android)" o autor se destaca das pessoas ao seu redor, pois embora seja paranoico, possui livre pensamento, não é um modelo robotizado a serviço da nova ordem. Na segunda, o narrador apela, em desespero e de forma abstrata, por uma intervenção divina: "Rain down, rain down/Come on rain down on me/From a great high". Tudo isso intercalado com solos fodíssimos de Jonny Greenwood.

O álbum fecha com a linda e lenta "The Tourist". Yorke critica a velocidade do mundo globalizado "They ask me where the hell I'm going?/At a 1000 feet per second" e como que de joelhos e ao som de guitarras distorcidas faz um apelo para o homem moderno: "Hey man, slow down, slow down/Idiot, slow down, slow down".

Renato Grando
Engenharia Civil – 3º ano

GRÊMIO POLITÉCNICO E AAAFOFITO APRESENTAM:

CERVEJADA DO PRIMEIRO NABO

PORQUE O PRIMEIRO A GENTE NUNCA ESQUECE!

Física

MAC

Numerico
WEB

Algelin

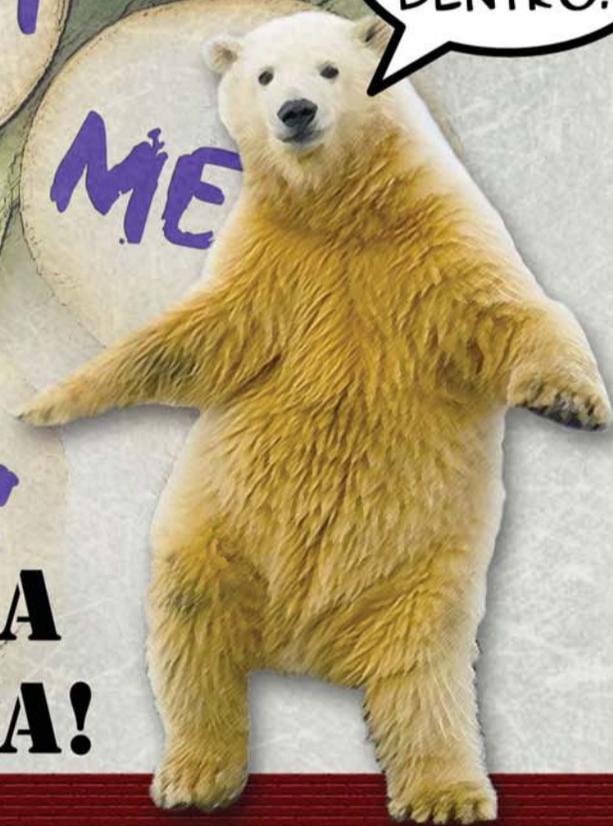
A
FOFITO TÁ
DENTRO!

Calculo

ME

11/04
A PARTIR
DAS 11:00
NA VIVÊNCIA
DA POLI

PCC
ENTRADA
GRATUITA!



CERVEJA E AMNÉSIA:
1 POR R\$ 2,00
2 POR R\$ 3,00

ATRAÇÃO:
THE GENERAL

OPEN:
CERVEJA E
VÓDKA COM ENERGÉTICO
R\$10,00

REALIZAÇÃO:

